

## **SCHELLING E A RECONCILIAÇÃO COM A NATUREZA: PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS NA ECOLOGIA**

ISADORA TABORDES<sup>1</sup>; ROBINSON DOS SANTOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [isadoraf.tabordes@gmail.com](mailto:isadoraf.tabordes@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dossantosrobinson@gmail.com](mailto:dossantosrobinson@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

A crise ecológica é um espelho que reflete impasses profundos na relação entre ser humano e natureza, os quais precisam ser pensados também filosoficamente. Apesar das evidências empíricas e dos debates crescentes sobre ecologia, ainda há muito a ser feito na direção do reconhecimento dos inegáveis problemas climáticos que caracterizam a paisagem contemporânea e ameaçam as condições futuras de existência na e da natureza. A premissa básica da presente investigação é a de que a relutância humana em se perceber como parte da natureza não é apenas prática, mas profundamente conceitual. Uma questão onto-epistemológica de pano de fundo que remonta a cisão moderna entre sujeito e objeto, entre ideal e real, isto é, entre ser humano e natureza. É, precisamente, na compreensão dessa separação em que se destaca a *Naturphilosophie*, do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775–1854), a qual pode servir como uma resposta alternativa ao problema da instrumentalização da natureza, agregando ao debate ecológico com insights filosóficos que reconheçam a vitalidade da natureza.

A espécie humana, assumida em uma perspectiva geral, tem sido vagarosa em aceitar os inegáveis problemas climáticos que marcam o cenário contemporâneo e ameaçam as condições futuras de existência na e da natureza. Está atrasada para repensar os seus hábitos e a sua autocompreensão sobre o lugar que ocupa no mundo natural. Todavia, essa dificuldade em responder às ameaças ambientais não parece decorrer apenas da ausência de tecnologias ou políticas, mas também de uma concepção subjacente de natureza que orienta nossas práticas, nossas instituições e nossa relação com o mundo, levando em conta o conjunto de pressupostos filosóficos, valores e fatores culturais que antecedem o ajuizamento do que significa o conceito de natureza e refletem, consequentemente, nas ações de cuidado ou exploração do meio ambiente. Embora seja lúcido reconhecer que a fatia predominante da população não possui íntima conexão com a filosofia enquanto saber sistematizado, é improvável afirmar, com veracidade, que um sujeito não incorpore, ainda que de forma implícita, determinados pressupostos filosóficos. Tais pressupostos, muitas vezes não reconhecidos como tais, fundamentam visões de mundo variadas e sustentam até mesmo a investigação científica.

A crise ecológica contemporânea, portanto, não pode ser compreendida apenas nos termos de seus efeitos empíricos ou tecnológicos, mas demanda um olhar para o processo humano de apreensão do mundo. Desse modo, somente a dialética entre teoria e prática constroem a base do caminho para a mudança indispensável na postura diante do mundo natural, razão pela qual é tão importante examinar esse pano de fundo onto-epistemológico que remonta a cisão moderna entre sujeito e objeto, entre ideal e real, entre ser humano e natureza.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada consiste essencialmente na pesquisa bibliográfica, o enfoque investigativo foi nas obras *Ideias para uma filosofia da natureza como introdução ao estudo desta ciência* (*Ideen zu einer Philosophie der Natur als Einleitung in das Studium dieser Wissenschaft*) (1797 e 1803); *Da alma do mundo – Uma hipótese da física superior para explicação do organismo universal* (*Von der Weltseele – Eine Hypothese der höhern Physik zur Erklärung des allgemeinen Organismus*) (1798); *Primeiro projeto de um sistema da filosofia da natureza* (*Erster Entwurf eines System der Naturphilosophie*) (1799), *Aforismos sobre filosofia da natureza* (*Aphorismen über die Naturphilosophie*) (1806).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Schelling propõe uma crítica à filosofia do puro idealismo, tendo em vista que a projeção das estruturas do pensamento sobre a natureza, converte fenômenos naturais em meras intuições internas, negando, por consequência, a natureza como real. A regularidade observada nos processos naturais, nas formas orgânicas e até nas ações dos seres vivos não pode ser apenas um reflexo de um mundo ideal separado, mas a expressão de uma produtividade inconsciente da própria natureza. Esse fio condutor criativo se apresenta nos diversos níveis do ser, desde o mineral até o humano. Sendo assim, se é legítimo explicar a natureza a partir do ideal, também é necessário explicar, para usar a expressão de Schelling: “o ideal como brotando do real” (SCHELLING, 1799, p.258). Somente ao reconhecer essa via de dupla mão entre ideal e real será possível alcançar um sistema filosófico que unifique sujeito e objeto, natureza e espírito.

Neste contexto, a chave que conduz à contribuição de Schelling para o pensamento ecológico se deve a ideia de natureza norteadora desta perspectiva, a qual não se restringe a um ecossistema específico, não se reduz a pensar nas montanhas, florestas, animais, mas integra todos esses elementos em uma visão de totalidade. Quando nos sentamos no topo de uma montanha para passar um café, contemplando o horizonte em busca de avistar baleias no mar, não estamos, de modo algum, nos retirando da natureza para observá-la de fora. Tanto a montanha, quanto o café, quanto o próprio gesto de preparar a bebida e o ato de avistar as baleias fazem parte do mesmo processo contínuo da natureza. O calor da água esquentando, o aroma do café subindo no ar frio, o movimento do olhar que percorre o mar, as baleias emergindo ou não, todos esses processos, materiais e cognitivos, se inserem igualmente no conjunto de sistemas físicos que compõem a natureza. As baleias, as montanhas, o mar são tão naturais quanto a atividade do pensamento e da percepção do sujeito epistêmico.

Ao recusar a concepção de natureza como um mero objeto passivo, Schelling a compreende como um organismo em constante processo de vir a ser, cujo dinamismo se apresenta em suas dimensões físicas, químicas e orgânicas. Nesse sentido, a natureza se torna um sujeito originário, em contínuo processo de autoexpressão, razão pela qual a concepção de natureza como sujeito constitui mais do que um princípio especulativo, mas representa uma inflexão radical na forma de compreender a própria estrutura da realidade e, com isso, a posição do ser humano no interior dela.

#### 4. CONCLUSÕES

A filosofia da natureza estabelece uma ponte entre o idealismo e o realismo para romper a dicotomia epistêmica entre ser humano e natureza. A racionalidade humana é compreendida como um produto da própria natureza, uma expressão singular de sua potência produtiva. A humanidade representa, assim, a emergência de uma forma consciente de produtividade natural, precisamente porque o ser humano é capaz de tomar consciência dos princípios que regem tal produtividade.

O movimento de separação entre espírito e natureza, embora problemático em seus desdobramentos foi, todavia, necessário. Representou a própria condição de possibilidade da filosofia, na medida em que instaurou o distanciamento indispensável à atividade reflexiva. A crítica de Schelling é a de que a especulação deveria ser compreendida não como um fim em si mesma, mas como um meio para o pensamento filosófico reencontrar sua unidade originária com o real.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER Benjamin; WHISTLER Daniel, **The Schelling– Eschenmayer Controversy**, 1801. Edinburgh University Press, 2020.

BOWIE, Andrew. **Schelling and modern European philosophy: an introduction**. Routledge, 1993.

DANZ, Christian; JANTZEN, Jörg. **Gott, Natur und Geschichte. Schelling zwischen Identitätsphilosophie und Freiheitsschrift**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht; Vienna University Press, 2011.

ECKERSLEY, R. **Environmentalism and Political Theory: Toward an Ecocentric approach**. London: UCL Press, 1992.

FICHTE, J. H. **Doutrina da Ciência de 1794 e outros escritos**. 3. ed. São Paulo: Nova cultural, 1988. (Os pensadores).

FRANK, Manfred, **Eine Einführung in Schellings Philosophie**, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1985.

FREYDBERG, Bernard. **Schelling's dialogical freedom essay: provocative philosophy then and now**. State University of New York, 2008.

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. **A Fundamentação do Problema da Liberdade sobre os Princípios da Filosofia da Natureza de Schelling**. Revista Analytica (UFRJ). V.15, 2011, p. 91-108.

GRANT, Iain Hamilton. **Philosophies of Nature After Schelling**. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

MATTHEWS, Bruce. **Schelling's Organic Form of Philosophy: Life as the Schema of Freedom**. Albany: State University of New York Press, 2011.

PUENTE, F. R. **As concepções Antropológicas de Schelling**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

SCHELLING F. W. J. **Friedrich Wilhelm Joseph von Schellings sämmlische Werke** (= SW), hrsg. von K.F.A. Schelling, Stuttgart/Augsburg 1856-1861.

\_\_\_\_\_. **Ausgewählte Schriften in 6 Bänden**. Bd. 1 Schriften 1794-1800. 3. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

\_\_\_\_\_. **Aforismos para introdução à filosofia da natureza e Aforismos sobre filosofia da natureza**. Tradução, introdução e notas de Márcia C. F. Gonçalves. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora da Puc/Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma filosofia da natureza**. Tradução: Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

\_\_\_\_\_. **Bruno ou do princípio divino e natural das coisas** (Ed.). Obras escolhidas: (Os Pensadores). Trad. Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. **Exposição de meu sistema da Filosofia**. Introdução, tradução e notas de Luís Felipe Garcia. São Paulo: Editora Clandestina, 2020.

\_\_\_\_\_. **First Outline of a System of the Philosophy of Nature**. Transl and Introduction. by K. R. Peterson. Albany: State University of New York Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ideas for a Philosophy of Nature as introduction to the study of this science**. Transl. by Errol E. Harris and Peter Heath, with an Introduction by Robert Stern. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Investigações Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana**. Tradução: Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. **Sobre a relação do real e do ideal na natureza**. Tradução: Rafael Zambonelli Nogueira. São Paulo: Editora Clandestina, 2021.

\_\_\_\_\_. **Preleções privadas de Stuttgart**; introdução, tradução e notas de Luis Felipe Garcia. São Paulo: Editora Clandestina, 2020

WIRTH, Jason M. (ed.), **Schelling Now: Contemporary Readings**. Bloomington, Indiana University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. **The Conspiracy of Life: Meditations on Schelling and his Time**. New York: State University of New York Press, 2003.

Žižek, S. **The Indivisible Remainder**. London, New York: Verso, 1996.